ANO I PORTO, 15 de Março de 1934 N.º 4

NÚMERO AVULSO 50 CENTAVOS
Série de 12 números, pagamento adiantado, 6$00
Publicidade a preços convencionais
Editor — Eduardo Lopes
Tiragem: 10 000 exemplares

DIRECTOR
HENRIQUE GALVÃO
CORPO REDACTORIAL
HUGO ROCHA
J. MIMOSO MOREIRA
MÁRIO DE FIGUEIREDO

Redacção e Administração:
PALÁCIO DAS COLÓNIAS
(Palácio de Cristal)
(TELEFONE 86)
Composto e impresso na «Imprensa Portuguesa», Rua Formosa — Pôrto

AS CRIANÇAS E AS COLONIAS

A dificuldade mais grave que oferece o problema da educação colonial das crianças não é de ordem especial — é de natureza geral.

Os pais portugueses amam sentimentalmente os seus filhos — com um maior amor que às vezes lhes é infinitamente prejudicial — como todos os pais. Mas não existe entre nós o cuidado, a preocupação, o amor colectivo pelas crianças.

Só com essa base sentimental se pode ir a uma política nacional de educação das crianças. E chamamos política nacional da educação aquela que as conduzir a um apetrechamento para a vida que as torne no futuro pràticamente úteis a si próprias e à Nação.

Quer dizer: uma política que integre os homens de amanhã no rumo de objectivos nacionais perfeitamente definidos, como unidades e valores de acção e de pensamento, das causas que mais nos interessam fazer vingar.

Não se dá hoje na educação da criança um lugar à educação colonial — tão necessária ao alcance do mais alto dos objectivos que a Nação portuguesa vira — como se não se dá também o lugar que devem ter, à educação física, à educação profissional, à educação cívica, etc.

A dificuldade é de ordem geral: a falta duma política definida e voluntariosa de educação infantil.

Nestas circunstâncias a causa colonial sofre também por falta dêsse amor colectivo que leve todos os portugueses — cada um no domínio das suas funções — a preocupar-se pelo futuro das crianças.

Não temos ensino colonial nas escolas primárias, secundárias e superiores, como não temos uma literatura infantil, parques para crianças, teatro para a infância, emfim, a organização geral de todos os meios pedagógicos e higiénicos que podem fazer da criança de hoje o homem de que a Nação precisa amanhã.

Nos últimos tempos tem-se manifestado uma tendência para melhorar êste estado de cousas. Pedagogistas e sociólogos, políticos e técnicos, reclamam cada vez mais intensamente a organização dos elementos de educação da mocidade portuguesa.

Também os colonialistas juntam os seus pontos de vista aos pontos de vista gerais — e é de crer que no grande movimento que se irá produzir venhamos a ver, finalmente, o estudo das colónias portuguesas e a preocupação de formar habitantes da terceira potência colonial do mundo, alcançarem o lugar que lhes pertence.

Vieram estas considerações a propósito duma publicação que há dias recebemos *O Infantil Ilustrado* em cujo número 39 as cousas coloniais são tratadas com a preocupação evidente de interessar as crianças. Trata-se dum jornal infantil, que abandonou as formas clássicas do conto de fadas grotesco e igual ao que nos contam desde Adão e Eva tôdas as amas sêcas e não sêcas, e que, sem perder as características de publicação infantil fala das colónias às crianças, dispertando nelas os sentimentos de curiosidade e de interêsse que levam ao amor por uma causa.

O exemplo é de seguir: por outra imprensa, pelos fazedores de livros de contos, por professores — finalmente pelos pais.

HENRIQUE GALVÃO.

Propaganda Colonial

A Exposição do Pôrto

Por Mimoso Moreira

Está ainda na memória dos leitores dêste jornal a realização da Semana Portuguesa na Galiza. Os residentes de Vigo, portugueses e galegos, aproveitando a marcação do encontro dos grupos de «foot-ball» internacionais, representativos de Espanha e Portugal, no magnífico Estádio dessa cidade, promoveram uma série de números festivos na intenção de avolumar a concorrência esperada pela realização da luta desportiva.

Foi possível, assim, elevar a cêrca de 20:000 o número de portugueses visitantes e a outro tanto o dos espanhóis, não só da região mas das províncias próximas. E' claro que para isso contribuiu a colaboração das duas províncias próximas. E' claro que para isso contribuiu a colaboração das duas boas bandas de música que ali foram — a Banda da Guarda Republicana e do Regimento dos Sapadores dos Caminhos de Ferro, de Lisboa; a pequena exposição de produtos portugueses; vários números desportivos, aquáticos e terrestres, pondo em confronto atletas portugueses com viguenses, explorando-se o entusiasmo que na ridente cidade galega a mocidade dedica aos exercícios físicos — rapazes e raparigas; a organização dum bom sarau no teatro Garcia Burbon, com elementos do teatro português; e várias conferências e manifestações de carácter cultural.

Êsses 35:000 ou 40:000 forasteiros não foram a Vigo só para ver 22 jogadores em volta duma bola, embora, de facto, o jôgo fôsse o fulcro festivo da semana.

Provado ficou que à volta dum «bom número» é possível realizar um atraente calendário de diversões, aplicando-o com sentido turístico, como se convencionava agora chamar a atracção de estranhos ao exame das belezas territoriais e à assistência do folclore citadino.

(Continua na 2.ª página)

Desenho do artista José Luís Brandão para o lenço destinado a oferecer às raparigas que hão-de tomar parte na Parada Regional e Agrícola, a efectuar por ocasião do certame

Portugal

Nação colonizadora e missionária

Pelo Conde de Aurora

Porque os netos da Reforma e os filhos da Revolução Francesa praticaram nas letras, reformas e revoluções quási sempre em desacôrdo com a História, com Deus e até com a gramática — sôbre Portugal, essa gloriosa e cristianíssima Nação que escreveu as mais belas páginas da civilização colonizadora e cristã, nem sempre se diz a verdade tôda dos factos.

Os primeiros e maiores colonizadores do Mundo foram indubitàvelmente os portugueses — e nenhum outro povo soube dar tão completamente ao vocábulo colonização, o seu significado missionário de civilização cristã.

Dilatando a fé e o império — é a frase síntese do grande poeta português Luís de Camões, o imortal autor do poema da Raça, *Os Lusíadas*.

Aventureiros, os portugueses? Não: apenas cristãos.

Mas se o génio aventureiro os levava às cinco partes do Mundo, Espada numa mão, Cruz na outra, clamando a palavra *Deos* antes de dizer *Portugal* e fazendo dos infiéis conquistados, vassalos do Rei de Portugal para serem portugueses também e cristãos — a uma coisa foram os nossos sempre estranhos, à ambição única de mercadejar que tanto prejudicou a acção colonizadora de outros povos europeus.

Antes já do século áureo das descobertas e da Escola Henriquina de Sagres, havia entre portugueses os Santos Mártires de Marrocos — e o grande Santo António tentara ganhar a palma do martírio nas praias vizinhas da Africa do Norte — se um sôpro divino não tivesse embalado sua caravela para as costas de Itália.

E' depois a Madeira, o Banco da Terra Nova, acaso a América do Norte antes de

(Continua na 2.ª página).

Propaganda Colonial

A Exposição do Pôrto

(Continuação)

Com o pretexto da Exposição Colonial que segue, com ritmo cada vez mais interessante, sua montagem no Pôrto, o director técnico do certame lançou as bases para uma reciprocidade de «semana», procurando que se celebre no Pôrto no próximo verão a «Semana Galega».

Teem os nossos amigos galegos, como é sabido, uma especial predilecção pelo Norte do País, que consideram prolongamento da sua região — e não há que duvidar da sinceridade dessa simpatia, pois não há embuste nem fantasia. Raros são os galegos com alguns meios que não tenham visitado Valença do Minho, Viana do Castelo, Braga e o Pôrto, a que se referem sempre com optimismo. Muitos há que nunca foram a Madrid, capital do seu País, mas que conhecem as terras do Norte de Portugal, alguns mesmo Coimbra, outros a Figueira e até Lisboa.

Lisboa para êles é uma cidade de curiosidade, de fisionomia típica e, sem favor, diferente de aspecto da maioria dos burgos peninsulares. Visitar pois terras de Portugal, estar uns dias no Pôrto amigo, vir conhecer Lisboa é um atractivo guloso, que precisa ser explorado ..

Deve pois a tentativa ser acarinhada, pelas entidades oficiais e organismos particulares. Aqui neste mesmo lugar, quando ainda a Exposição Colonial estava na fase embrionária, comentamos vários aspectos do projectado certame, referindo-nos ao problema (passe o sediço têrmo) dos visitantes. A população do Pôrto, dissémos, com os seus hábitos de trabalho, não garante uma persistente concorrência durante três meses seguidos. São necessários reforços de todos os pontos do País e do Estrangeiro, mesmo porque tratando-se dum grande certame cultural, há vantagem em que tôdas as classes o visitem. Há pois que proporcionar transportes módicos, facilidades de acomodação, livre trânsito nas fronteiras, auxílios materiais a excursões escolares e de estudo.

Não o fará pela primeira vez o Govêrno, se dispensar, de Junho a Setembro do corrente ano, a entrada livre nas fronteiras terrestres aos nossos vizinhos, conseguindo, por intermédio do nosso Embaixador em Madrid, que o govêrno de Espanha recomende às autoridades consulares e aduaneiras espanholas convenientes facilidades para não embaraçar a saída e retôrno de visitantes espanhóis; também as companhias ferroviárias portuguesas não fazem nada de novo, promovendo «excursões a preços reduzidos», embora desta vez uma tarifa nova e excepcional se torne indispensável, possìvelmente com um serviço combinado com a rêde espanhola, servindo quanto possível nacionais e estranjeiros; assim como as companhias de navegação para a Africa Portuguesa, a Colonial e Nacional, podem e devem organizar cada uma, uma excursão com as tarifas que anualmente usam para as «viagens do Natal», com períodos de demora na Metrópole semelhantes e a pretexto de facilitar aos residentes nas colónias uma visita à I Exposição Colonial Portuguesa.

A inclusão do pôrto de Leixões nas escalas de turismo exploradas pelas companhias de navegação inglesas e alemãs nesses meses de verão, contribuiria também para engrossar a concorrência de visitantes, podendo a C. P. proporcionar rápida ligação dos turistas que saissem no Norte com Lisboa, sempre que o seu número o justificasse, para reembarcarem nos seus paquetes; ou vice-versa, consoante o rumo das viagens.

Oferece-se êste ano um poderoso atractivo para desenvolver o turismo em Portugal. Não fantasiemos como os espanhóis, por ocasião da sua Exposição de Sevilha, com «milhões de americanos»; mas é legítimo empregar-se todos os esforços ao nosso alcance para movimentar dinheiro, que tão necessário se torna. E isso deve interessar, naturalmente, os municípios, os organismos de turismo, os hoteleiros, as empresas de transporte, os proprietários e empresários de casas de espectáculo, o comércio em geral, emfim. A não ser que se confie também no Govêrno para tratar disso...

MIMOSO MOREIRA.

Mapa histórico para a Exposição

A Sociedade de Geografia já enviou para esta cidade, com destino à Exposição Colonial, o mapa com os itinerários das grandes viagens terrestres dos portugueses na Africa.

Informação da quinzena

O que se faz para a Exposição

Damos, a seguir, as notas mais salientes do que se está passando em relação à I Exposição Colonial Portuguesa e que dizem respeito, principalmente, à quinzena decorrida:

Congresso da Agricultura Colonial

Convocados pela Liga Agrária do Norte, reüniram, há dias, na sede daquele organismo, sob a presidência do sr. dr. Lemos Ferreira, secretariado pelos srs. tenente Henrique Galvão e Manuel Caetano de Oliveira, como representante da Associação Comercial do Pôrto, os representantes das associações da lavoira, do comércio, da indústria e dos organismos oficiais agrários, a-fim-de serem realizados os trabalhos preparatórios do Congresso da Agricultura Colonial, a efectuar, durante a Exposição Colonial.

Depois de larga troca de impressões, foi resolvido constituir duma grande comissão organizadora do Congresso, composta por todos os organismos convocados e outros que poderão ser agregados.

Foram eleitos presidente de honra desta grande comissão o sr. ministro das Colónias e vice-presidente a Sociedade de Geografia, ficando a presidência efectiva a cargo da Liga Agrária do Norte.

Para dar realização prática às deliberações e directrizes da grande comissão, foi nomeada uma comissão executiva, sob a presidência do sr. dr. João Braga, delegado da Inspecção Técnica das Indústrias e Comércio Agrícolas, e, desde já, por um delegado da Associação Central da Agricultura Portuguesa, outro da Federação dos Sindicatos Agrícolas do Norte de Portugal e pelos srs. engenheiro Luís Gama, representando a *Gazeta das Aldeias*, Manuel Caetano de Oliveira, representando o comércio, e dr. António Ferreira Cabral Campelo, representando a Liga Agrária do Norte.

Estiveram presentes os srs. tenente Henrique Galvão, director técnico da I Exposição Colonial Portuguesa; dr. João Braga, delegado da Inspecção Técnica das Indústrias e Comércio Agrícolas; Manuel Caetano de Oliveira, da Associação Comercial do Pôrto; António F. Domingues de Freitas, do Centro Comercial do Pôrto; Armindo Peixoto, da Associação dos Comerciantes do Pôrto; engenheiro Pedro Inácio Alvares Ribeiro, da «Casa do Douro»; dr. Silvério Abranches, da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos do Dão; engenheiro Luís Gama, da *Gazeta das Aldeias;* e os srs. drs. Lemos Ferreira, Simeão Pinto de Mesquita e António Ferreira Cabral Campelo, da Liga Agrária do Norte.

Justificaram a sua falta de comparência os seguintes organismos: Associação Central da Agricultura Portuguesa, Federação dos Sindicatos Agrícolas do Norte de Portugal, Comissão da Região dos Vinhos Verdes e Comissão dos Vinicultores do Centro e Sul de Portugal.

Relíquias históricas no certame

Na sala destinada à ocupação militar das Colónias serão colocadas a espada de honra oferecida a Mousinho de Albuquerque, o herói das campanhas de Moçambique, e a pasta que a cidade do Pôrto ofereceu ao brigadeiro João de Almeida, o herói dos Dembos.

Literatura Colonial na Exposição

A direcção da Exposição vai instalar durante o certame, um **stand**, destinado à venda do livro colonial, onde serão recebidas, à consignação, tôdas as obras do género.

Congresso de Intercâmbio Comercial com as Colónias

Realizou-se, há dias, no Palácio, uma reünião dos representantes dos organismos económicos com o director da Exposição.

Nessa reünião foram trocadas impressões acêrca da realização dum Congresso de Intercâmbio Comercial e Económico com as Colónias, por ocasião do grande certame.

Cabo aéreo de transporte

Vão começar breve os trabalhos da instalação do cabo aéreo que, como ULTRAMAR já anunciou, irá da Rua da Restauração até à Avenida das Tílias, no recinto da Exposição, meio de transporte que vai, sem dúvida, ser utilizado por todos quantos quiserem entrar na Exposição por uma via original e emocionante.

Representação de Angola na Exposição

Por acharmos de-veras interessante a sua apreciação pelos leitores de ULTRAMAR, transcrevemos dum dos últimos números de *A província de Angola*, de Luanda, a seguinte local, referente ao que, ali, se está fazendo para a Exposição:

«Prosseguem activamente os trabalhos relativos à organização de documentários com que Angola há-de participar na I Exposição Colonial Portuguesa. A delegação do Govêrno da Colónia, pelo que nos foi dado ver na rápida visita, ontem feita, tem agido por forma a recolher o máximo de elementos para que Angola conquiste o lugar que, entre as outras Colónias, lhe deve caber.

E' de lamentar que a deficiência de tempo não permita uma representação de maior necessidade de coordenar elementos, alguns dos quais não existiam ainda recolhidos ou ordenados.

Para se avaliar da actividade já desenvolvida pela Delegação do Govêrno da Colónia, à frente da qual se encontra a prestigiosa figura do sr. dr. Almeida de Eça, director dos Serviços Pecuários, o grande realizador do **stand** de Angola na Feira de Amostras, e o seu colaborador sr. Augusto de Campos, um novo que, já, em Luanda, conquistou, não obstante a sua excessiva modéstia, um lugar de destaque, pelas suas qualidades de carácter e de trabalho, aliadas a uma vasta cultura e inteligência, começamos hoje a dar nota resumida das expedições que já teem sido feitas para o Pôrto e das que estão prontas a seguir.

Do mesmo passo, ao mencioná-las, aqui, dá-se conhecimento à Colónia da importância da sua contribuição. Estas duas razões nos levaram a, directamente, ir dar uma vista de olhos pelas salas da Pecuária, onde está instalada a delegação, e pedir informações que, sempre que nos é possível, preferimos colhêr **in loco** e de fonte segura.

Por um dos últimos vapores já seguiram: quatro espécimes de animais embalsamados; gráficos relativos a receitas e despesas da Câmara Municipal de Luanda; pequenas cartas, indicando a distribuição das diversas culturas para a organização, em Lisboa ou no Pôrto, de uma Carta agrícola; vários gráficos relativos a exportações e importações e movimento das várias casas aduaneiras da Colónia; gráfico, assinalando os vinte-e-seis organismos económicos, de comércio, agricultura e indústria, existentes na Colónia; vários volumes impressos de estatística aduaneira; perto de 100 fotografias de vários aspectos da Colónia; um gráfico com a distribuição de organismos associativos de beneficência, instrução e educação, etc.

Todos estes elementos são obtidos das várias entidades, oficiais e particulares, sendo coordenados e organizados pela Delegação.

Prontos a seguir no primeiro transporte, encontram-se, na Alfândega: 18 volumes contendo variadíssimos objectos de arte gentílica, de mais de uma origem, mas dos quais se destaca a riquíssima colecção de mais de mil objectos, pertencentes à Missão Católica de Luanda e organizada pelo Vigário Geral, mgr. dr. Alves da Cunha.

Também estão prontos a serem expedidos, além da Carta em relêvo da Colónia, os elementos para a confecção, no Pôrto, de uma grande Carta cinegética, elementos que tivemos ocasião de ver e são constituídos por uma já bastante grande Carta de Angola, com o esbôço de localização das diversas espécies de caça; por um *marion* com a reprodução das pêgadas de muitos animais selvagens; e pela reprodução, em desenhos a craião, de muitas cabeças de antílopes e outros animais existentes na Colónia.

Esta carta cinegética deve ser um dos grandes atractivos da Exposição e será feita em tamanho bastante grande e com a reprodução figurada dos diversos animais.

A-pesar-de percorrida com rapidez, notamos o afã com que se trabalha nas salas onde está instalada a delegação e na organização e compilação de quantiosas fôlhas de estatísticas; na confecção de esboços gráficos da distribuição dos vários serviços;

(Continua na 3.ª página).

Portugal

Nação colonizadora e missionária

(Continuação)

outros, é Cabo-Verde, é o Cabo Bojador, o Cabo Não, a Costa da Guiné — Angola e a primeira acção cristianizante dos Jesuitas trazendo à Côrte o Príncipe Afonso.

E' o Prestes João das Indias. E' a Abissínia onde os portugueses foram os primeiros a levar o Evangelho.

Depois é o Caminho Marítimo para a India, e a Descoberta do Brasil — é a acção missionária do grande apóstolo das Indias S. Francisco Xavier — são os seus discípulos a cristianizarem a China e o Japão — o Japão dos nossos Santos Mártires — como esquecê-los!

O nome de Portugal ecoa ainda por todo o Oriente — e de Ceilão a Macau, há ruínas de templos cristãos, todos de portugueses — há vocábulos lusos em tôdas as paragens e só a língua portuguesa é conhecida, a língua portuguesa a que o Oriente chama *papiar cristão — falar cristão!*

Isto diz tudo — *papiar cristão.*

E' o Brasil — êsse território imenso que vai do Amazonas ao Uruguay — é o Brasil e a notável acção missionária da Companhia de Jesus, à frente da qual queremos relembrar o nome refulgente na história da colonização e das letras pátrias, do P.e António Vieira.

Acção cristã e civilizadora da colonização portuguesa! E' que o vocábulo *colónias*, não é nosso, é estranjeiro — nós chamamos sempre às terras que civilizamos, as nossas *províncias ultramarinas.*

Províncias da Terra Mãi — e não *colónias* da Metrópole.

E a acção missionária e civilizadora de Portugal continua — e para que as missões estranjeiras e protestantes não desnacionalizem os nossos irmãos de côr — a quem ensinamos a palavra Deos e Portugal — o actual Govêrno da Nação, à frente do qual se encontra essa figura de reflexo mundial, Oliveira Salazar, um dos mais notáveis estadistas europeus — êsse Govêrno protege e acarinha duma forma especial as nossas missões católicas, reconhecendo a sua notável acção colonizadora, civilizadora e nacionalizante.

O *Rei*, o *Branco*, o *Cristão*, o *Português* — são *sinónimos* em todo o grande continente negro.

Ainda há bem pouco, a quando da notável *Exposição Colonial de Paris*, o grande Marechal Lyautey teve palavras de referência especial e comovida admiração para a Acção Civilizadora dos Portugueses — de que sempre encontrou vestígios por todo o globo que percorreu, nas cinco partes do Mundo.

Por isso dói à consciência portuguesa que a Imprensa estranjeira se faça eco, bem intencionadamente até, se calhar, de certos ditos venenosos que a inveja e a ambição de inimigos destila e propaga.

E porque hoje o combate entre a luz e as trevas é cada vez maior, e os netos da Reforma e os filhos da Revolução Francesa encontram novo calor na irradiação da *steppe* nórdica — é justo, é necessário, é urgente que tôda a Imprensa Cristã se dê a mão e ajude a propagar a boa, a verdadeira doutrina — a da única civilização possível, a de Cristo.

CONDE DE AURORA.

(Original inédito, solicitado para a revista de grande expansão «**Schönere Zukünft**» publicar em tradução alemã).

AVISO

AOS SRS. EXPOSITORES

São prevenidos os srs. Expositores que devem iniciar as obras de montagem dos seus *stands* durante o mês de Março, pois segundo as disposições regulamentares serão eliminados da Exposição todos os *stands* que em 1 de Junho não estejam concluídos, devendo esta disposição cumprir-se custe o que custar.

na reprodução doutros serviços, com dados fornecidos pelas várias entidades de que os mesmos dependem; na reportagem fotográfica, que já conta para cima de 600 *clichés;* na confecção de *maquettes;* no desenho, de composição, definitiva, de várias indústrias indígenas, etc.

A representação da Colónia na I Exposição Colonial Portuguesa, pelo cuidado e carinho que tem merecido aos seus organizadores, competentes e trabalhadores, vai mostrar, de forma cabal, à gente da Metrópole, que tudo ou quási tudo desconhece das Colónias, as riquezas e possibilidades de Angola, terra rica e fértil que só espera que a explorem, para sua maior riqueza e da Metrópole».

Sala militar do Palácio das Colónias

Vão ser começados os trabalhos da sala militar, destinada aos elementos que fôr possível reünir sôbre as campanhas coloniais nos últimos quarenta anos.

Essa demonstração será composta com trofeus, bandeiras e fotografias cedidos pelo Museu de Artilharia e pela Sociedade de Geografia de Lisboa.

A direcção da Exposição vai oficiar a vários organismos particulares e às unidades militares que tomaram parte em campanhas da Africa, solicitando-lhes o empréstimo de quaisquer documentários para incluir nesta demonstração da epopeia militar nacional, na ocupação e manutenção da soberania portuguesa na Africa.

A sala destinada é a que fica no pavimento superior da chamada *Sala Holandesa*, do antigo Palácio de Cristal.

Delegação comercial canadiana na Exposição.

O sr. dr. Francisco António Correia, Director Geral dos Negócios Comerciais, dirigiu ao sr. António de Oliveira Cálem, presidente da Associação Comercial do Pôrto e da Comissão Organizadora da Exposição Colonial, o seguinte ofício:

Tenho a honra de comunicar a v. ex.ª que acabo de receber um ofício do sr. dr. Eudore Dubeau, cônsul de Portugal em Montréal (Canadá), informando que está procedendo à organização de uma delegação de negociantes canadianos, a-fim-de visitar a Exposição do Pôrto, a qual deverá chegar a Lisboa, acompanhada do mesmo cônsul, em 29 de Junho próximo futuro, a bordo do paquete Byron. *Junto um exemplar do jornal* Le Canada, *de Montreal, de 25 do mês findo, que foi enviado pelo referido cônsul.*

No jornal acima referido e sob o título *Exposição Colonial em Portugal, no mês de Junho*, lê-se a seguinte notícia:

O dr. Eudore Dubeau, cônsul de Portugal em Montréal, convidou, ontem, à tarde, oficialmente, no Board of Trade, *todos os homens de negócios de Montreal a participarem na Grande Exposição Colonial Portuguesa, que se realizará, na cidade do Pôrto, de Junho a 30 de Setembro dêste ano. Este certame, que é o primeiro do género organizado em Portugal, terá as mesmas características da Grande Exposição Colonial de Paris, em 1930. Portugal, como a França, possui, um vasto império colonial, na Africa, no Extremo-Oriente e no Atlântico.*

Em Montréal está-se organizando, com tôdas as condições de êxito, uma delegação de negociantes para ir a Portugal em Junho. O cônsul fêz saber que essa delegação seria, oficialmente, recebida pelo Govêrno português e que lhe seria feito o mais cordial acolhimento.

A Imprensa colonial e a Exposição

Está despertando um alto interêsse e o maior entusiasmo, nas nossas Colónias, a I Exposição Colonial Portuguesa, a realizar, nesta cidade, nos próximos meses de Junho, Julho, Agôsto e Setembro.

Os jornais de Moçambique e Angola, sobretudo, exaltam, calorosamente, a realização do notável certame, dando, ao mesmo tempo, pormenorizadas informações dos trabalhos realizados e a realizar.

Noutra local verão os leitores do ULTRAMAR o que diz, por exemplo, *A Provincia de Angola*, de Luanda.

As indústrias de Mossâmedes na Exposição

O sr. dr. Carlos Carneiro, delegado da Sanidade Pecuária, em Mossâmedes, está promovendo, com os organismos económicos e industriais daquele distrito de Angola, uma importante representação das indústrias locais na Exposição Colonial.

De facto, se é certo que uma parte dos

Informação da quinzena

O que se faz para a Exposição

(Continuação)

produtos da indústria de Mossâmedes não tem, de momento, colocação na Metrópole, onde luta com a produção das fábricas metropolitanas, também é verdade que, num futuro próximo, a indústria de Mossâmedes pode vir a conseguir, em colaboração com a da Metrópole, novos mercados, sobretudo para o fornecimento de atum e polvo.

E', porisso, de louvar o interêsse que a gente de Mossâmedes está pondo na sua representação na Exposição Colonial, tanto mais que se torna necessário mostrar, na Metrópole, a importância da indústria conserveira de Angola, que vive sem favores semelhantes, àqueles que recebe a mesma indústria da Metrópole, concorrendo, assim, em desigualdade de circunstâncias, a mercados que poderão vir a ser comuns.

Espectáculos coloniais na Exposição

O antigo Teatro Gil Vicente está, como já anunciamos, passando por grandes transformações, a-fim-de serem, ali, representadas peças de carácter colonial.

A primeira, que terá grande aparato e constituirá uma apoteótica evocação das gloriosas campanhas de Africa, subirá à cena pela companhia da talentosa actriz Amélia Rei Colaço.

Inscrição extraordinária de expositores

A Direcção da Exposição Colonial faz divulgar que, tendo terminado a inscrição oficial de expositores, poderá, excepcionalmente admitir, nos termos do artigo 41 do Regulamento Geral da Exposição, mais algumas inscrições, durante o mês de Março, que pagarão, como taxa de praso excedido, um adicional de 300$00, sôbretaxa de inscrição normal (100$00).

Atracções no parque da Exposição

O *Retiro do «Quissange»*, em pleno bosque, vai ser o restaurante favorito da Exposição. O local em que será instalado, já na parte contígua ao Palácio, é, simplesmente, maravilhoso.

A exploração do restaurante foi já concedida, por concessão, ao sr. Manuel Recarey, proprietário do Restaurante Comercial, desta cidade, tendo como gerente o sr. Carlos Lehman.

Casa de chá em estilo macaense

O pavilhão de Macau vai ter, anexa, uma *casa de chá* no estilo típico da China.

Amélia Rei Colaço, a distinta actriz portuguesa, incumbiu-se da gerência dessa *casa de chá* que é decorada pelo artista Saul de Almeida.

Hoteis flutuantes para a Exposição

Pensa-se em trazer para Leixões e, talvez, também, para o nosso pôrto fluvial do Douro, os barcos que já não são utilizados na navegação e podem ser transformados, pitorescamente em excelentes hoteis flutuantes.

Esta ideia mereceu decidido aplauso do sr. dr. Francisco Vieira Machado, quando o ilustre sub-secretário de Estado das Colónias visitou, recentemente, as obras da Exposição.

Bandeira dos Descobrimentos

Vai ser oferecida à direcção da Exposição Colonial, por um grupo de senhoras da sociedade portuense, a Bandeira dos Descobrimentos, que será içada na fachada do Palácio, no momento da inauguração do certame.

Mostruários de Angola para a Exposição

Vão ser estabelecidos dois centros de recepção, além da Delegação em Luanda, para os mostruários destinados à Exposição: um no Lobito e outro em Mossâmedes, sendo os serviços superiormente orientados pelos delegados de Sanidade Pecuária naquelas cidades.

O transporte dos volumes destinados à Exposição é gratuito nos Caminhos de Ferro do Estado e nas Companhias de Navegação, desde que seja, nitidamente, mencionado que se destinam à Exposição.

Ao Caminho de Ferro de Benguela foi pedida idêntica concessão, o que, certamente, será concedido.

Visita de aviões estrangeiros a Espinho

Esperando-se durante o certame a aterragem em Espinho de alguns aviões estrangeiros, a Direcção da Exposição solicitou do Ministério da Guerra e da Junta Autónoma das Estradas, providências no sentido de serem melhorados aquele campo e as estradas que lhe dão acesso.

Concurso de Tiro entre as Nações Coloniais

Durante a Exposição vai realizar-se um Concurso de Tiro entre as Nações Coloniais com as seguintes provas: «Império Colonial Português», «Colónia de Angola» e «Provincia de Moçambique», sendo instituídos valiosos prémios.

A Parada Regional e a Imprensa da Provincia

Pelos jornais da provincia de Entre Douro e Minho vai ser distribuida uma circular assinada pelos directores dos jornais *O Comércio do Pôrto, O Primeiro de Janeiro, Jornal de Noticias, Correio do Minho, Diário do Minho, Aurora do Lima* e *Noticias de Viana*, pedindo-lhes que façam desde já a propaganda da Parada Regional a efectuar durante o certame colonial, animando assim as populações dos respectivos concelhos a associarem-se a ela e esforçando-se por convencer as autarquias locais, e as pessoas preponderantes de cada terra, a darem-lhe o seu apoio moral e material.

Nessa circular pede-se a publicação dum número especial dos jornais de Entre Douro Minho, como homenagem ao esfôrço que a Exposição Colonial representa e como demonstração do que vale a modesta, mas honrada, Imprensa da nossa velha provincia.

Serviços da Imprensa

Está a ser instalado no antigo escritório da Sociedade Proprietária do Palácio de Cristal o gabinete da Direcção da Exposição, ficando-lhe contíguo o gabinete dos serviços da Imprensa e do jornal ULTRAMAR, órgão oficial da Exposição.

Excursionistas holandeses

Segundo informa o sr. dr. Borges dos Santos, cônsul geral de Portugal em Amsterdam, devem visitar a Exposição, vários comerciantes importantes dessa cidade holandesa, que farão a viagem em automóveis.

Ministro das Colónias

O sr. dr. Armindo Monteiro, ministro das Colónias, deve visitar ainda êste mês, os trabalhos da Exposição Colonial.

Os grupos excursionistas na Exposição

A Comissão Administrativa do Grupo Excursionista «Alma Lusa» conferenciou na passada sexta-feira com o Director-técnico da I Exposição Colonial Portuguesa sr. tenente Henrique Galvão, a-fim-de lhe sugerir a ideia de uma grande e apoteótica parada de todos os grupos Excursionistas, Recreativos, Caixas de 20 Amigos e Clubes Desportivos do Norte, a-fim-de receberem condignamente os Grupos congéneres do País que a esta cidade devem chegar no próximo mês de Junho e que dêste modo desejam homenagear essa grandiosa manifestação do esfôrço colonial português.

O sr. tenente Galvão, que foi duma extrema gentileza para com a C. A. do «Alma Lusa», achou a ideia altamente patriótica e bairrista pondo-se incondicionalmente ao seu dispor, autorizando o «Alma Lusa» a tratar de tudo quanto seja necessário para o bom têrmo da projectada manifestação de regozijo.

O sr. tenente Henrique Galvão prometeu mesmo certas e valiosas facilidades nas passagens de Caminho de Ferro, e lembrou para se conseguir que das diversas localidades do país, viessem êsses grupos com os seus trajes característicos e regionais, que dariam uma nota lindíssima e folklórica a êste importante cortejo.

O Grupo Excursionista «Alma Lusa» vai envidar todos os esforços para que resulte brilhante e imponente tal manifestação esperando que todos os grupos, pondo acima de tudo o bairrismo nortenho, lhe dêem a sua franca, leal e imprescindível adesão.

Não obstante a colectividade organizadora ir enviar a tôdas as agremiações uma circular tratando dêste assunto, tôdas as adesões e correspondência devem ser dirigidas para o Grupo Excursionista «Alma Lusa», à Rua da Fábrica, 42 — Pôrto.

Indígenas de Cabo Verde no certame

De Cabo Verde, entre outros elementos representativos, prestam o seu concurso à Exposição quatro pares dansantes e um quinteto musical de indígenas daquela colónia, que se exibirão em números coreográficos e folclóricos típicos, que hão-de despertar sensação.

Estrada de Vila do Conde à Póvoa de Varzim

A Direcção da Exposição representou à Junta Autonoma das Estradas para que seja reconstruida com urgência a estrada que liga Vila do Conde à Póvoa de Varzim.

Mais inscrições coloniais

Tem sido registadas últimamente numerosas inscrições de importantes companhias coloniais.

O problema do trânsito

A comissão de estudo do problema do trânsito na cidade durante o certame tem já adiantado os seus trabalhos sôbre as modificações a introduzir.

A abertura da rua Júlio Denis muito deve contribuir para o descongestionamento das artérias em direcção ao Palácio, devendo a Companhia Carris modificar o trajecto da linha 3 (praça da Liberdade-Palácio de Cristal), instalando linha dupla e deixando-se de fazer o regresso à Praça da Liberdade pelas ruas do Rosário, Breiner e Cedofeita.

No regresso do Palácio, os carros eléctricos seguirão pelas ruas da Liberdade, Restauração e Carmo em direcção à Praça.

VIZITU LA PORTUGALAN KOLONIAN EXSPOZICION

kiu okazos en la urba "Porto" de junio gis Septembro de 1934

Portugalujo, la plej antikva el la nuntempaj kolonigitaj landoj, la lando kiu tra siaj eltrovoj *donis novajn mondojn al la Mondo,* montros en sia Nacia Kolonia Ekspozicio ne nur siajn brilajn kaj tiucitempajn rezultojn de siaj klopodo kaj aktiveco, kiel ankau siajn koloniajn tre originalajn metodojn, reorganizitajn kaj valorigitaj de nacia reviviga Politiko kiu povas starigi ekzemplo je la agititaj horoj pro la malfacila situacio kiu la Mondo travivas.

Kiam la internacia momento sin prezentas plenita da duboj kaj ne precizecoj de malorganizo kaj malordigo en konfesita malforteco antau la monda krizo, Portugalujo kun la zorgo pri sia grandeco sin reorganizis en la Metropolo kaj en la Kolonioj kien gia Politiko estas altrudita la ordon kaj a disciplinon en la socia, politika, ekonomia kaj financa vivo.

La Portugala Kolonia Ekspozicio estas efectivigo de la Portugala spirito refarita de *Nova Stato* en gia kolonia ellaborajo.

Oni efektivigas la Ekspozicion en la antikva kaj nobla urba «Porto», la dua urbo en la lando, ce la mezloko el unu el la plej mirigindaj turismaj zonoj — la urbo kiu donis la famnomon al la vino monde konata.

Vizitu la Portugalan Kolonian Ekspozicion kiu okazos de Iunio gis Septembro de 1934 en la lando de la Suno kaj en la urbo plej pentrinda kaj karakteriza de Portugalujo.

EN LA CIUDAD DEL DUERO

EXPOSICION COLONIAL PORTUGUESA

Se celebrará de junio a septiembre próximos

La vecina República portuguesa, el país que inició los descubrimientos por que tuvo el plantel de navegantes más audaces que se há conocido, la nación que mandó sus hombres a través de los mares tenebrosos, a buscar nuevas tierras a todos los rumbos de la bitácora, organiza activamente una Exposición Colonial que se celebrará, desde junio a septiembre próximos, en Oporto.

Inútil es decir la grandeza que esa Exposición ha de obtener, porque el imperio colonial de Lusitania es de una extensión formidable y abarca todos los continentes, lo que implica que la proyectada Exposición ha de tener unos contornos extraordinários y ha de presentar unos horizontes de estudio magníficos a la vez que un cúmulo de sugestiones insuperables.

Portugal, que ha sabido colonizar las tierras descubiertas y que a través de los vaivenes de la política internacional, a lo largo de los siglos, ha sabido mantener íntegras sus vastíssimas colonias, quiere ahora mostrar a las gentes de todas las naciones su organización colonial y sus métodos colonistas, realmente originales y de un rendimiento superlativo.

Y para ello, Portugal prepara en la noble y antigua ciudad de Oporto, en la segunda población del país, que es a la vez centro de una zona de turismo en realidad admirable, esa magna Exposición Colonial.

Oporto, pueblo que quiere a Vigo fraternalmente, cariño al que Vigo corresponde, será, con motivo de la Exposición Colonial Lusitana, desde junio a septiembre próximos foco de atracción para innumerables gentes que acudirán de todas partes a admirar las magnificencias del gran imperio colonial portugués, cuyo índice será la Exposición en cuya preparación se viene trabajando activamente desde hace unos meses.

(Do Faro de Vigo, de 9 do corrente).

Timorenses na Exposição

pelo Prof. Dr. Mendes Corrêa

Anuncia-se a vinda de alguns indígenas de Timor à Exposição Colonial do Pôrto. Ficarão essas paragens remotas do nosso Império representadas na série de tipos antropológicos coloniais que ali se reünirão, num criterioso intuito de pôr bem em evidência a heterogeneidade dos elementos étnicos com que temos a contar nos nossos domínios de além-mar.

De-certo tôda essa parada de raças me interessa como antropologista, e aguardo com vivo empenho a oportunidade de nela proceder a estudos, anàlogamente ao que foi feito, por exemplo, por Deniker & Laloy numa Exposição de Paris, a que concorreram indígenas de várias regiões do globo. Mas os timorenses terão um lugar muito especial nestes estudos, porque, ao contrário do que sucede com indígenas das nossas colónias da Africa e da Asia, de que já tive ensejo de examinar directamente vários espécimes, não me foi dada até hoje a satisfação de observar mais do que, há poucos meses, um só timorense. Forneceu-me a oportunidade para esta observação singular, o meu antigo condiscípulo e chefe dos serviços de saúde de Timor, dr. Abel Tavares, que, sabendo da estada no Pôrto dum nativo timorense, obteve dêste a aquiescência para êsse exame.

Ora a Antropologia de Timor tinha já sido objecto de estudos meus, porém indirectamente, sôbre os registos inéditos de 107 observações efectuadas nas regiões timorenses de Okussi e Ambeno pelo falecido antropólogo Fonseca Cardoso, registos que êste investigador não chegara a coordenar. Desacompanhadas de fotografias ou mesmo de impressões sintéticas pessoais sôbre a população considerada, tive de basear as minhas conclusões etnogénicas, apenas, nas estatísticas que organizei sôbre as observações individuais dos caracteres descritivos e métricos considerados. Claro está que procurei numa escassa bibliografia nacional e estranjeira sôbre os indígenas de Timor ou sôbre populações afins doutras paragens da Australásia, necessários elementos de confronto. Foi sobretudo importante o subsídio que, para comparações, encontrei nos estudos, então ainda em publicação, do meu saüdoso colega e amigo, o eminente antropologista holandês, dr. Herman ten Kate que observou 41 indígenas da parte holandesa da ilha e apenas 9 *Ema-belu (Belu* significa *aliado, amigo)* da região portuguesa.

Menor foi o auxílio que recebi do estudo, aliás rigoroso nos métodos de observação, do prof. Barros e Cunha sôbre uma série de crânios de Timor, existente em Coimbra: é que, segundo Leite de Magalhães, só providencialmente essa série será, na totalidade, de crânios timorenses, pois foram os crânios recolhidos numa árvore sagrada do *reino* de Cová, constituindo restos trágicos da coluna do capitão Câmara, massacrada em Fatumian e da qual faziam parte timorenses, africanos, índios e portugueses. De passagem, notemos que os crânios de Timor existentes nos nossos Museus apresentam, quási todos, amplas perdas de substância óssea na região basilar. E' que pertenceram em geral a prisioneiros de guerra cujas cabeças teriam sido decepadas pelos indígenas vitoriosos. No seu belo estudo sôbre a etnologia timorense, apresentado em 1919 à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, o sr. Leite de Magalhães incluíu a fotografia duma cerimónia ritual em Liquiçá, perante três cabeças de inimigos mortos em combate. Recordo-me ainda da narração que o ilustre militar e colonial me fêz um dia da grandeza wagneriana do canto do *lorçá*, canto guerreiro com que os indígenas antecedem as suas expedições e que (sabido que a luta é sem quartel) assume, nas sombras da noite, vindo do seio das florestas, um tom solene e impressionante de tragédia.

Mais pormenores darei oportunamente sôbre estes costumes guerreiros de Timor, e, a propósito de Ten Kate, há pouco citado, não deixarei também de mais uma vez evocar a sua existência nómada de estudioso, ligado no Japão ao nosso Wenceslau de Morais por uma amizade de que já há tempos tratei em monografia especial.

Mas volvamos à antropologia de Timor. A-pesar-de não dispor de outros elementos além dos registos de Cardoso e dos escassos materiais de comparação a que aludi, pude elaborar dois trabalhos em 1916 sôbre aquele assunto. Ora, além de várias conclusões que, pelo seu carácter especializado, não cabe sequer enunciar num breve artigo de vulgarização como o que estou escrevendo, emiti a de que o timorense médio de Okussi e Ambeno se devia parecer muito, fisicamente, com o *batak* (indonésios de Sumatra) de que o grande De Quatrefages deu um bom retrato na *Histoire Générale des Races Humaines*. Pois tive a satisfação de ver esta aproximação expressamente confirmada pelo ilustre etnólogo sr. Leite de Magalhães, que esteve muitos anos em Timor e a quem surpreendeu naturalmente que sem fotografias de timorenses eu tivesse podido chegar a um tal resultado. Este só mostra que os metodos antropométricos e descritivos usados no estudo somatológico das raças teem de facto, um valor prático, que alguns injustificadamente lhes recusam.

Bemvindos sejam, entretanto, ao Pôrto os *Ema-Belu* que nos visitarão durante a Exposição próxima. Além do alto significado político de solidariedade cordial que possui êste concurso, na metrópole, de representantes das diferentes raças coloniais, êle vai ter um interêsse de divulgação, no nosso público, das virtualidades étnicas da população do Portugal de além oceano, mas terá ainda o interêsse científico a que nos referimos. Embora seja de lamentar que não haja possibilidade de se efectuar uma representação ainda mais numerosa, congratulemo-nos, porém, desde já com uma iniciativa cuja utilidade é manifesta, sob os vários aspectos indicados.

A. A. MENDES CORRÊA,

Director do Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto.

O MISSIONÁRIO, uma das figuras simbólicas destinadas a decorar o monumento a erigir, em homenagem aos sacrificados da colonização portuguesa, na Exposição Colonial no Palácio de Cristal. «Maquette» do artista Ponce de Castro e execução do escultor Sousa Caldas

EM LOURENÇO MARQUES:

Mercado de «mangas»

Escultura duma negra, ainda não concluida, que o artista Rui Leal está a modelar, a primor. Destina-se a figurar no conjunto alegórico, que vai ser colocado no palco da Nave do Paldcio, representando uma ivsão futura do Império Colonial Português

UM IMPÉRIO COLONIAL

representa a Alma e a Vida dum Povo

II

Aos séculos esplendorosos seguiram-se os séculos decadentes neste nosso Portugal em que a corrupção passava célere do coração para o espírito e dêste para as obras. Vieram os escândalos, os abandonos, as insolências e os desaforos hàbilmente explorados pelos que se engrandeciam à custa dêste Portugal desfalecido, sem curar dos descuidos criminosos e das incoerências políticas e deixando-se expropriar sem um arremedo de reacção.

Mas, como em tôdas as coisas, tudo teve um fim e, pode dizer-se, um remate chegando-se à conclusão que somos uma Nação essencialmente *marítima e colonial* e, para não se perder o vasto império ultramarino precisávamos, quanto antes, possuir uma boa e organizada e disciplinada marinha de guerra. Conservado êsse império, conservaríamos a independência e elevaríamos, bem alto, a dignidade da Pátria. Daí a epopeia militar africana que conta o seu martirologio e o criarmos uma espécie de culto em torno dêsses mártires que conquistaram a terra, a dominaram e a civilizaram com o esfôrço indómito da gente portuguesa.

As províncias ultramarinas são um belo património. Elas produzem muitas das matérias primas necessárias às indústrias europeias e teem alta cotação nos seus mercados. Além disso, representam fôrças novas continuando uma civilização que precisamos salvar a todo o custo dum possível pan-mongolismo aterrador e absorvente.

Desde o ano de 1914 sentimos o efeito terrível das tempestades que desencadeiaram os grandes acontecimentos nesta epiléptica Europa e, na história do nosso país vemos que, nem sempre, cuidamos dos seus interêsses, com devotado zêlo, principalmente, nas diferentes fases da nossa existência colonial. Subjugados pelo leão castelhano sofremos as arremetidas dos seus adversários e perdemos os imensos recursos que, um extenso império, mal consolidado, nos subministrava. Deixamos tudo à revelia e sem termos dêsses belos sonhos que implicavam uma regeneração social, — que se impunha, — para num esfôrço sobrehumano conseguir-se e reservar-se uma boa parte dêsse património. E, assim, deixamos a outros a influência política, esquecendo-nos do espírito de expansão colonizadora e por isso, perdemos o Brasil.

Tudo descuramos e colocamos na sombra uma verdadeira política colonial que nos daria uma maior e benéfica influência na Europa e, talvez, não ficassemos sem Olivença... Entretanto, na Africa acentuava-se o espírito português e sem o Brasil íamos seguindo o nosso destino de pioneiros da civilização ocidental, desbravando florestas, lutando com os rios caudalosos e os pântanos traiçoeiros, dominando o gentio rebelde e, por vezes, instigado contra a nossa administração. Abrimos estradas, criamos núcleos de gente europeia e lutando, lutando sempre, chegamos a mostrar às nações, as mais ricas e opulentas, fortes pelos seus exércitos e pelas suas esquadras poderosas, o que fazia Portugal com chavecos e os peitos fortes dos seus soldados e marinheiros consolidando o seu poder e autoridade em regiões longíquas e insalubres, ricas e cubiçadas.

O que hoje caracteriza as Nações coloniais é o seu largo desenvolvimento, principalmente, nas instituições liberais, a mais rasgada descentralização da sua comp exa máquina administrativa, o profundo respeito pelas regalias e o acatamento pelos preceitos da lei e tudo isso temos realizado, com um programa nacional, «puramente português» e, sobre tudo, com uma actividade indomável, um esfôrço inteligente e uma perseverança incontestável dos portugueses do ultramar. E, dêste modo, tôdas essas províncias de além-mar são, no concêrto europeu, as imagens consoladoras dos benefícios que à Humanidade poderá trazer uma civilização tôda ela portuguesa, sem êsse desagradável vinco de mercantilismo excessivo, mas uma civilização mais humana, tôda paz e, bem aproveitada, mostrará ao Mundo egoísta, as virtudes e dotes dum Povo sofredor e trabalhador, cada vez mais moralizado e integrado na sua missão histórica, dando uma profunda lição do quanto pode uma proficua actividade bem organizada, do trabalho indígena tendo ao seu lado uma pequena legião de operários que levaram consigo o anceio de contribuirem para essa expansão colonizadora. Os principais elementos, constituídos por um trabalho honesto, assíduo e inteligente, e pela esperança em amealharem o suficiente, a-fim-de possuirem um lar desafogado e uma família bem alimentada que possa perpetuar uma Raça digna do maior respeito, eis o que se está fazendo no Portugal colonial.

Tudo isso representa uma eloqüente lição para o nosso alento e podemos indicar ao Mundo, com orgulho, uma Nação pequena, mas grandiosa pelos seus feitos, pelas suas tradições históricas e, até, pelos seus êrros e sofrimentos.

Hoje, os seus habitantes europeus procuram, nessas regiões, tornar-se respeitáveis pelo seu trabalho, pelo seu esfôrço e pela sua iniciativa e, portanto, exigem uma maior atenção às suas necessidades comerciais e desenvolvimento no «hinterland» por meio de estradas de rodagem e ferro-viárias, navegação fluvial, portos marítimos que auxiliem o tráfico ligando os nossos agrupamentos coloniais e núcleos agrícolas ou industriais com outros países e com as regiões produtoras e consumidoras das colónias vizinhas. Muito já está feito e há um programa que se cumpre rigorosamente no intuito de atender às necessidades que nos impõe o progresso dessas nossas províncias. Ao mesmo tempo, indica-se a conveniência duma ocupação regular, efectiva e intensa, metodisada, por elementos rurais europeus, principalmente, *portugueses*, que serão novos bandeirantes, merecedores do respeito alheio, e os quais defenderiam a nossa soberania nos mais recônditos lugares dessas províncias, prolongamento dum Portugal revigorado e desejoso em ser forte.

Em vários meios intelectuais preconiza-se um sistema de compensações com o estabelecimento de novas correntes migratórias estrangeiras, mas deve-se atender que só nos conviriam as que enfileirassem numa pura latinidade, sem pensamentos reservados e de fé católica, pois, uma amálgama de raças de diferentes costumes e religiões são um verdadeiro perigo étnico e político. Ao mesmo tempo há a pensar numa justa defesa económica perante a invasão de mercadorias de proveniência estrangeira e as quais sufocariam, logo de nascença, tôdas as iniciativas locais e criariam dificuldades de difícil solução.

O português ultramarino já tem uma sagacidade penetrante, uma actividade incansável, sem desânimos que pervertem e sem essa estúpida intolerância bárbara doutros tempos e épocas. Ele é um útil agente de civilização, mas de civilização latina, a única que convém às plagas africanas portuguesas e onde existe uma cooperação estrangeira, tão proficua à raça portuguesa, empreendedora, rica de esforços e energias, sem êsses

Exposición Colonial Portuguesa

Carta Invitacion a nuestros hermanos de allende el Miño

Queridos hermanos:

Dentro de cuatro meces Oporto demostrará á los ojos del mundo la bella obra colonizadora de Portugal, en una exposición que promete ser la síntesis de la actividad e influencia de que disponen vuestros hermanos daquende el Miño.

Portugal mostrará que siendo, aún hoy, la tercera potencia colonial, tiene derecho al respecto de la política mundial, y a que admiren el alma de su pueblo, pequeño en área y población, pero grande, entre los grandes, por su historial, y que tiene, bien apretadas al corazón, sus colonias, hijas de su sangre, y que le dán así la unidad de su império, en la mejor de las armonías.

En ese grande certamen, en donde se va patentear la obra de la penetración pacifica de los portugueses, apareceran los *fultas* de la Guinea, los *forros* de San Tomé y Principe, las *mornas* de Cabo Verde, la tropa negra de Angola, con los misioneros que han sido los principales civilizadores, la masa colonial de la cubizada Mozambique, los representantes del pueblo de que Alfonso de Albuquerque y Juan de Castro eran idolos en era alejada India, los oriundos de Macao y Timor que patentearán los lazos que los une a este Portugal tan noble y tan vuestro hermano.

Aqui tendreis, hermanos, la ocasión de ver las *sanzalas*, *quissanjes* y los *batuques*, con paisaje proprio, los usos y costumbres de esas gentes exquisitas y pinturescas, sus habitaciones gentílicas, sus cuerpos de color, sus indumentarias atrayentes, sus danzas tradicionales, sus cantos favoritos, rodeadas de palmeras, en donde no faltaran las fieras de los tropicos, ni la nota viva de la vida indigena de un mundo conquistado ó descubierto por los primeros navegantes del Mar Atlantico.

No venís a ver solamente, un exotico certamen, no. En la severidad de esa exposición, vereis la realidad de la vida en eses rincones del Mundo en donde ondea el pabellón verderubro, vida empezada por los altivos capitanes portugueses que conquistavon eses continentes sin atemorizarse por la soledad de aquellos extensos territorios, y patenteada hoy en la pasmosa y brillante epopeya de actividad obtenida por metodos originales de buen orden y disciplina.

Los aspectos mas sensacionales de la vida agricola, la intensidad de los trabajos de las *roças* y de la cultura algodonera y del maïs, la producción del cacao, del café y de las semillas oleaginosas, y tantas otras riquezas del reino vegetal que posseen los diferentes continentes en donde Portugal tiene territorios, os dejaran convencidos que sucesivas generaciones portuguesas han preparado, aúnque con enormes sacrificios, horizontes claros y las mejores esperanzas, para la emigración venidera.

Hermanos de Galicia:—Preparaos para asistir y ver como el esfuerzo portugues ha formado un gran imperio colonial con la dedicacion de colonizadores aptos y devotos patriotas.

Venid, y cuando habreis recorrido las diferentes *aldeas* del Africa Portuguesa, patentes en el certamen, y sentido la vibración de las almas que han llevado a tan feliz exito la civilisación portuguesa, podreis, cuando volvais a vuestros hogares, afirmar a vuestros hermanos que ahí queden imposibilitados de aconpañaros, que — como muy bien lo ha idealisado el excelso poeta lusitano Teixeira de Pascoaes — en Africa Portuguesa está la constituición de un gran centro étnico en donde galaicos y portugueses pueden darse las manos y predominar eternamente bajo el lema: *Portugal renacido.*

Aqui os esperan vuestros hermanos de Oporto, entre ellos vuestro amigo

Oporto, Marzo de 1934.

JOSÉ CERVAENS y RODRIGUEZ.

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

MOÇAMBIQUE

Um «principe» do Sabié com os seus «indunas» em trajes guerreiros,— indígenas que se exibirão no certame

fanatismos intolerantes que teem infilicitado algumas outras colónias. E, assim, todos numa comovedora fraternização, trabalhando no majestoso edifício colonial português, alastrando e germinando o valor da raça ocidental, transformando povos inteiros, ainda, ontem, selvagens, dando-lhes a conhecer um Portugal em que existe a mesma igualdade para todos os cultos, o mesmo respeito por tôdas as crenças, a mesma transigência para tôdas as ideias, dentro da mais severa disciplina e Ordem necessárias para um progresso moral e material.

Já o dissemos: somos apologistas duma colonização intensiva, mas com elementos portugueses acrescentados por outros pertencentes à latinidade. O exame que temos feito ao que se passa «em casa do vizinho» leva-nos a essa conclusão, como sendo um «caminho menos áspero e menos espinhoso». Das nossas passadas opulências ficou a glória e, também, o inapreciável património que nos cumpre amar e defender a todo o transe. A sua prosperidade, que se definhára em anos de lutas e incongruências, sucede, agora, um período de entusiástica regeneração digna de estudo e de amparo e do esfôrço de todos os homens bons. Este novo período na nossa história colonial produzirá os seus naturais frutos, criando, nessas regiões, novos mercados para os produtos metropolitanos e, até, um decisivo auxílio para a navegação portuguesa. Temos fé que o Portugal ultramarino será grande, próspero e abastado quando se corrigirem todos os seus defeitos e se cultivem e se aproveitem tôdas as suas energias, numa justa e bem equilibrada selecção de valores e, então, êsse atraso, que ainda se entrevê, tôdas essas falhas causadas por incúrias passadas, e a dentro do nosso natural e doentio pessimismo, quando tudo fôr desaparecido, ali teremos campos vastos e ubérrimos para colocar o excedente da nossa população europeia e os braços que não encontram trabalho na Mãi Pátria ou nas Américas.

O colono, ao contacto directo com a terra virgem dessa Africa ou da Oceânia maravilhosa de cambiantes, será o germe duma nova Pátria Portuguesa, forte e progressiva.

J. J. J.

No Rotary Club do Pôrto

Conferência pelo tenente Henrique Galvão

Na sessão ordinária de 20 de Fevereiro último do Rotary Club do Pôrto, assistiram, como convidados, os srs. tenente Henrique Galvão, Director da Exposição Colonial Portuguesa; António de Oliveira Cálem, presidente da Associação Comercial do Pôrto, e Henrique de Castro Lopes, chefe da Secretaria daquela corporação económica, que foram apresentados pelo sr. Carlos Lelo e saudados pelo sr. Eduardo Romero, respectivo presidente daquela instituïção portuense.

O sr. tenente Henrique Galvão, convidado pelo presidente, iniciou a sua conferência, sôbre a Exposição Colonial, dizendo:

Senhor Presidente

Meus Senhores: Permitam-me V. Ex.as que comece a minha palestra, contando uma história: certo viajante europeu, que se fazia acompanhar por um negro intérprete para se entender no mato africano, nas suas relações com os indígenas, teve um dia necessidade de informações. Pôsto o intérprete em presença doutro prêto, falaram, na sua língua incompreensível, durante largo tempo. O europeu esperou pacientemente. Ao cabo de meia hora, como a conversa do intérprete demorasse, increpou-o:

— Então o que diz êle?

E o intérprete esclareceu:

— Por emquanto, senhor, não disse nada — só falou!

Ao lembrar-me desta história de pretos, que pode muito bem ser uma história aplicável a brancos, eu sinto o receio de chegar ao fim e de pensar que V. Ex.as podem concluir, como o negro:

— Não disse nada. Só falou.

Todavia, quero que das minhas palavras alguma coisa se salve pela sinceridade, alguma coisa que não seja só falar: e essas dirão da minha gratidão pela honra que V. Ex.as me concederam, convidando-me para êste jantar do Rotary Club. E' a primeira vez que venho a uma reünião rotária, se bem que já conhecesse a sua organização. E o facto permite-me que, além da honra, eu sinta o prazer de estar entre homens cultos, que não são meros fazedores de palavras e que, num país onde os homens, em regra, se juntam para destruir, sabem reünir-se para construir, para serem úteis, com uma elegância e um bom humor absolutamente credores de todos os encómios.

E agora, meus senhores, importa que lhes fale da Exposição Colonial.

Num país que é a terceira potência colonial do mundo, que tem um prestígio a defender e a consolidar, que tem um passado que impõe respeito e caminha para um futuro em que é necessário que se desenvolva a missão histórica de que estamos investidos, uma Exposição Colonial ou é bastante representativa para bem merecer e ser digna dêsse prestígio, ou mais valerá não a levar a efeito.

Uma Exposição custa muito dinheiro. As nossas representações em Sevilha e Paris, foram a mais de 23.000 contos, as Exposições de Barcelona, de Paris, de Sevilha, custaram muitos milhões.

A Primeira Exposição Colonial Portuguesa, dispôe de 1.400 contos, dos quais 700, emprestados por uma Sociedade Anónima constituída no Pôrto para financiar o empreendimento, devem ser e serão reembolsados. A Exposição custará, pois, incluídos os subsídios das Colónias, cêrca de 1.000 contos.

Este paralelo de números pode fazer crer que, dadas as considerações que fiz, melhor fôra que não levássemos a efeito a nossa Exposição Colonial.

E contudo a Exposição faz-se e eu espero, meus senhores, que ela será inteiramente digna do nosso elevado prestígio de nação colonial.

Penso que o problema se resolve da seguinte maneira, pois assim orientei a sua solução: como dispomos de verbas insignificantes, não podemos, evidentemente, procurar nas grandes exibições estéticas, no explendor monumental e na comitiva de maravilhas, que são o pano de fundo e a própria essência das grandes exposições, os elementos de valorização da nossa.

Não teremos por conseqüência grandes palácios, iluminações feéricas, templos de Angkor. Apenas poderemos defender, pela sobriedade, pela elegância e pelo bom gôsto, cuidadosamente espalhados dentro do cenário maravilhoso que é o do Palácio de Cristal, a parte estética.

Faremos a êste respeito uma representação modesta, mas honrada e elegante.

Desta inferioridade que resulta da escassez de verbas, procuro uma compensação na técnica orgânica, nos elementos de pitoresco e na capacidade didáctica da Exposição.

E assim, se vier a realizar-se o que projecto e está em adiantada execução, eu julgo meus senhores, que na Primeira Exposição Colonial Portuguesa, poderemos dar a nacionais e a estranjeiros, a alta lição de colonialismo que a nossa antigüidade na colonização nos permite dar e, que nas Exposições realizadas lá fora foi esquecida em benefício da preocupação de deslumbrar os olhos e de fazer elevadas receitas.

Poderia falar-lhes ainda sôbre os pormenores e a técnica de exibição. Mas isso levar-me-ia talvez, por entusiasmo, ou pelo amor que consagro ao meu trabalho, a fazer promessas que não sei se poderia cumprir.

Prefiro dizer-vos no dia em que ela se inaugurar. O que vos prometo é o que está feito; o que lhe falta é tudo o que quis e não pude fazer.

Dir-vos-hei apenas que espero com o apoio dos meus colegas da Comissão Organizadora, cujo Presidente tenho o grande prazer de v r entre nós, com o apoio dos meus colegas da Comissão Executiva e com o auxílio de todos vós, chegar a bom termo.

Ao finalizar a sua palestra, é o sr. tenente Galvão calorosa e largamente aplaudido.

O Presidente antes de agradecer, faz uma pequena exposição sôbre o rotarismo. Finaliza dizendo que a forma clara e precisa como o sr. tenente Galvão se expressou a todos elucidando sôbre a finalidade da Primeira Exposição Colonial Portuguesa, o sensibilizou imenso, agradecendo em nome do Rotary Club do Pôrto a sua brilhante palestra. Diz mais que o Club do Pôrto se sentiria orgulhoso e honrado em poder coadjuvar a obra do sr. tenente Galvão.

Convidado pelo Presidente, o sr. Dr. Gaspar Baltar, com a sua fluente palavra e *charme* que o caracterizam, saúda o sr. tenente Galvão cujo nome é de sobra conhecido e respeitado por todos aqueles que se interessam pelos assuntos coloniais. Referiu-se à Exposição Colonial de Paris, onde Portugal se representou dignamente e ao discurso pronunciado pelo então Ministro das Colónias em França, Paul Reynaud, que, num improviso, ao inaugurar-se o pavilhão português e de olhos postos no relevo que indicava a rota dos antigos navegadores nacionais, fêz o mais entusiástico elogio ao nosso passado, tão notável que, no dizer do Ministro das Colónias da França, a Exposição não ficaria completa sem a nossa representação.

Congratulou-se ainda, o sr. Dr. Baltar, com a Exposição Colonial em marcha e a realizar no Pôrto, terra por todos os portuenses estremecida. Espera que ela dará ensejo a um intenso e indispensável intercâmbio da Metrópole e das Colónias e que desenvolverá na alma portuguesa o grande amor pelo nosso vasto domínio colonial.

O sr. tenente Henrique Galvão voltou a usar da palavra para agradecer aos srs. dr. Gaspar Baltar, António Cálem, Henrique de Castro Lopes e Carlos Lelo as gentilezas com que o cumularam e convidou os membros do Rotary Club a visitar os trabalhos da Exposição.

O sr. tenente Henrique Galvão concluíu o seu discurso com interessantes afirmações sôbre a obra de colonização portuguesa, sendo muito aplaudido.

Todos os valores económicos das Colónias e Metropolitanos prestam o seu concurso ao grandioso certame

Continuação da lista dos senhores expositores inscritos para o certame:

Almeida Coelho & Carvalho, L.da, Rua de Santo Ildefonso, 289, Pôrto; Guilherme Ferreira Tedim, Santa Cruz do Bispo, Matozinhos; Lopes Coelho Dias & C.a, L.da, Rua Guerra Junqueiro, Matozinhos; A. Jaime Albergaria, Filho, Avenida Camilo, 70, Pôrto; José Epifânio Carvalho de Almeida, Praça dos Restauradores, 13-1.º, Lisboa; Casa do Douro, Régua; Firmino Cardoso, Rua Duque de Saldanha, 384, Pôrto; Fosforeira Portuguesa, Rua Garrett, 62, Lisboa; Delfim A. Grilo, Rua D. Miguel de Melo, 38, Luanda; M. B. B. Teixeira, L.da, Praça Guilherme Gomes Fernandes, 63, Pôrto; José Pinto Perez, Rua dos Caldeireiros, 137-1.º, Pôrto; Grandes Armazéns Nascimento, Rua Santa Catarina, Pôrto; Fábrica Portuense de Encerados, Rua da Restauração, 132, Pôrto; Moinho de Ouro, Rua do Bomjardim, 270, Pôrto; José Sanches Roque, Rua Luís de Camões, Benavente; D. Margarida de Vasconcelos, Estombar, Algarve; Concreto, L.da, Matozinhos; José Rosas & C.a, Rua das Flores, 245, Pôrto; José Ferreira Tadim, S. Mamede de Coronado, Santo Tirso; António Pereira Monteiro, S. Romão do Coronado, Santo Tirso; Companhia Nacional de Navegação, Rua do Comércio, Lisboa; João dos Anjos, Rua do Mundo, 121, Lisboa; José Olaio & C.a, Filho, Rua da Atalaia, Lisboa; Instituto Português de Heráldica, Lisboa; Cruz Vermelha Portuguesa, Lisboa; Afonso Dornelas, Lisboa; Monteiro de Barros, L.da, Rua Gonçalves Ramos, 48, Lisboa; Grémio do Milho Colonial Português, Rua Nova do Almada, 80-1.º, Lisboa; Sociedade Agrícola Queluz, L.da, S. Tomé; José Martins Gaio, Sá da Bandeira, Lubango, Angola; Sociedade Industrial dos Tabacos de Angola, L.da, Luanda, Angola; Companhia do Seles, Novo Redondo, Angola; Companhia Geral dos Algodões de Angola, Malange e Luanda; Companhia Geral de Angola, Lisboa; Companhia Agrícola de Angola, Pôrto Amboim, Angola; Companhia Agrícola do Cazengo, Angola; António Duarte Leão, Angola; Agência de Publicações, Praça da Liberdade, 129, Pôrto; Mário Ferreira & Silva, Rua Formosa, 315-1.º, Pôrto; J. Bielman, Sucr., Galeria de Paris, 42, Pôrto; Casa das Gabardines, Rua de Santa Catarina, 134, Pôrto; Sociedade Nacional de Fósforos, Rua do Progresso, Lordelo do Ouro, Pôrto.

Restaurante ESCONDIDINHO

O MELHOR DO PORTO

Rua de Passos Manuel, 144

Telefone 79

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Carreira rápida da Africa Ocidental

SERVIÇO DE CARGA E PASSAGEIROS

Saídas de Lisboa no primeiro sábado de cada mês, com escala por:

Funchal, S. Vicente, Praia, Príncipe, S. Tomé, Pointe Noire, Cabinda, Sazaire, Ambriz, Luanda, Dande, Pôrto Amboim, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Cuio, Mossâmedes, Pôrto Alexandre, mais portos da Ocidental com baldeação em Luanda.

Vapores: Cabo Verde em Janeiro de 1934, **Cubango** em Março, **Cabo Verde** em Abril, **Moçambique** em Maio, **Cubango** em Junho.

Carreira rápida da Africa Oriental

SERVIÇO DE CARGA E PASSAGEIROS

Saídas de Lisboa no quarto sábado de cada mês, com escala por:

Funchal, S. Tomé, Pointe Noire, Sazaire, Luanda, Pôrto Amboim, Lobito, Mossâmedes, Lourenço Marques, Beira e Moçambique e demais portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeitos a baldeação em Luanda e Lourenço Marques.

Vapores: Moçambique em Janeiro de 1934, **Quanza** em Fevereiro, **Angola** em Março, **Nyassa** em Abril, **Quanza** em Maio, **Angola** em Junho.

ATENÇÃO — Esta Companhia aceita carga nos portos do Norte da Europa, Mediterrâneo, América do Norte, nomeadamente: Bordeus, Havre, Rouen, Londres, Liverpool, Glasgow, Antuérpia, Hamburgo, Rotterdam, Barcelona, Marselha, Génova e New York, com conhecimento directo para a Africa Portuguesa, com baldeação em Lisboa para os paquetes das carreiras de Africa e vice-versa.

Tôdas as mercadorias carregadas no estrangeiro nestas condições, seguem de Lisboa para os portos da Africa Portuguesa em regime de reexportação, a-fim-de poderem gosar do benefício pautal de 20 %.

Os paquetes desta Companhia dispõem de frigoríficos, quinteto e cinema e propor cionam aos Srs. Passageiros, viagens rápidas, confortáveis e económicas.

Para esclarecimentos e mais informações:

SEDE, LISBOA, Rua do Comércio, 85 — Tel. 2 3021 — (6 linhas)

SUCURSAL, PORTO, Rua Infante D. Henrique, 73-2.º — Tel. Porto 1434

Pensão dos Aliados
(ANTIGA DO BOLHÃO)

A mais bem instalada e preferida. Esplêndida sala de jantar. Óptimos quartos e quarto de banho. Preços moderados

PROPRIETÁRIO: FERNANDO GUIMARÃES

Avenida dos Aliados e Rua Elísio de Melo, 27
TELEFONE 6045 — PORTO

PENSÃO (Antigo Hotel Lisbonense)
DE MANUEL GARRIDO, FILHOS

com mais de 60 anos de existência, sob a direção dos mesmos proprietários.

Rua Sampaio Bruno, 36 — PÔRTO
(Antiga Rua de Sá da Bandeira)
TELEFONE, 588

HOTEL NACIONAL
Recomendado pelo Automóvel Club de Portugal
Joaquim Ferreira Vieira

Este hotel tem quartos luxuosos, casa de banhos, sala de visitas, salão de jantar com mesas pequenas, luz eléctrica em todos os quartos, telefone e passagem de carros eléctricos para todos os pontos da cidade, etc.

MESA DE PRIMEIRA ORDEM

14, Rua de Entreparedes, 16 **PORTO** TELEFONE, 1297

HOTEL ALIANÇA
UM DOS MAIS BEM SITUADOS DO PORTO

PRIMOROSO SERVIÇO

Rua Sampaio Bruno, 53 TELEFONE, 224

GRANDE HOTEL DA BATALHA
Classificado em 2.ª classe pelo Conselho Nacional de Turismo

UM DOS MAIS BEM SITUADOS DO PORTO PERTO DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS ELECTRICOS PARA TODOS OS PONTOS DA CIDADE

Completamente modernizado. — Primoroso serviço de mesa — Esplêndida sala de jantar — Banhos — Água em todos os quartos — Espaçosa sala para grandes banquetes — Almoços e jantares — Preços módicos para famílias e pensionistas — Telefone para tôda a rêde do País.

TELEFONES: P. B. X. 1247; DO ESTADO 33

Praça da Batalha — PORTO

GRAND HOTEL DE PARIS

EAU COURANTE ● CHAUFFAGE CENTRAL ● PRIX MODÉRES

On Parle Espagnol Français Italien Anglais Allemand

Teleg.: HOTEL PARIS — PORTO PORTO TELEFONE: 95

Restaurante MELO & CUNHA (Sucessor)
Angulo das Ruas do Bomjardim e Magalhães Lemos Telefone 6239

Casa única no género pelas suas belas instalações — Ambiente de confôrto, bom gôsto e modernismo — Esplêndido serviço de mesa, com lindíssima sala de jantar — Magníficos aposentos com água quente e fria

ABERTO ATÉ ÁS DUAS HORAS DA MADRUGADA

GRANDE HOTEL DO PORTO
O primeiro estabelecimento do género do País, preferido pelas famílias mais ilustres, nacionais e estranjeiras

Quartos com salas de banho — Água corrente, quente e fria, em todos os quartos e demais dependências — Ascensor — Chauffage central — Vasto hall — Garagem — Endereço telegráfico: Grandotel — Telefones P. B. X. n.os 58 e 59 — Linha do Estado n.º 103

PORTO Rua de Santa Catarina PORTUGAL

Hotel Sul-Americano

125, PRAÇA DA BATALHA, 134

TELEFONE: 1578 PORTO TELEG.: «GAÚCHO»

Instalações primorosas

Serviço esmerado

Situado no local principal da cidade

Hotel Continental

O mais central da cidade

BOM SERVIÇO E ESMERADO TRATAMENTO
MAGNIFICA SALA DE JANTAR, COMPORTANDO 250 PESSOAS

4 — Rua de Entreparedes — 12
(Com frente para a Praça da Batalha)

PORTO TELEFONE, 788

ANGOLA

Recordações do Passado — D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho — Um livro de crítica aos govêrnos coloniais, editado em 1880 — Hoje como há cem anos

Muitos escritores e pensadores afirmam, que um país sem história e sem tradições, não tem autoridade para impor as suas doutrinas, civilização e costumes aos outros povos, mesmo àqueles considerados de raça inferior. Que a história é uma fonte onde os povos que a tem, que tiveram um passado épico e brilhante, vão beber os ensinamentos, buscar os exemplos de valor, sacrifício e cinismo das gerações passadas.

Como país colonial, desde os tempos heróicos e gloriosos das descobertas e conquistas, Portugal, marcou com padrões imorredoiros de valor e abnegação, os fastos duma história incomparável, que em nada tem a invejar às nações conquistadoras da antigüidade.

Indo falar do presente, não podemos deixar de recordar o passado. Se não das batalhas e combates, que em tôdas as partes do mundo, com glória e valentia sustentamos e vencemos, pelo menos da administração benéfica que fundamos nas regiões descobertas e conquistadas. Porque nem sòmente marinheiros e guerreiros fomos.

Se na India, campo da nossa grandeza e glória, alguns governadores e vizo-reis houve, que não estiveram à altura da sua missão e engrandecimento do bom nome português, bastam para nos dar lustre e fama, Afonso de Albuquerque e D. João de Castro. O primeiro, guerreiro inconfundível e incomparável, aliado a um grande espírito de administrador e intransigente justiça. O segundo, senão como guerreiro igual ao *terrível*, como administrador, em honradez, em aplicar a justiça, e também em defender os direitos dos pobres dos humildes dos gentios. A sua isenção tornou-se lendária; morreu pobre sem um crusado num hospital como qualquer pobre.

Naqueles tempos, nem sòmente a ânsia de riquezas impulsionava os portugueses ao sacrifício. Havia uma moeda forte com que se premiavam os grandes serviços e estimulavam os homens a praticarem feitos maiores: eram as honras. A-pesar dessa moeda consistir em pergaminhos, tinha valor. Uma cruz pendente era uma grande honra; e Afonso de Albuquerque, o *Grande*, que deu a Portugal o Império do Oriente, não chegou a obter o título de Vicê-Rei. Depois, essa moeda, tornou-se fraquíssima pela sua vulgarização; e por em lugar de servir sòmente para remunerar serviços e condecorar merecimentos, passar a distintivo de valimento e cortesanismo. As atenções da Metrópole, primeiro dirigidaspara a India e depois para a América Portuguesa, para êsse imenso Brasil, fizeram com que Angola fôsse esquecida, abandonada, e não se olhasse a valer pela sua colonização, pelo seu progresso e engrandecimento. Foi o ínclito marquês de Sá da Bandeira, como Ministro da Marinha e Ultramar, que mostrou ao país que, na Africa, no Atlântico Sul, possuíamos um império que nos podia compensar da perda do Brasil, que era necessário dirigir para Angola a corrente emigratória portuguesa, que ia desenvolver países e colónias estrangeiras.

Como gostamos do passado e também somos devotos da tradição, gostamos de pesquisar os arquivos, ler todos os livros velhos, apreciar e admirar os feitos dos nossos antepassados. Em Angola pouco há onde pesquisar. A incúria, muito mais que o *salalé*, acabou com tôda a documentação, deixou roer tudo. E, todavia, a história de Angola está por fazer. Não só a guerreira, a da conquista; como a dos *pombeiros*, as que primeiro devassaram os sertões, conheceram o *Muata Ianvo*, o *Cazembe* e o *Luânica*; que descobriram as nascentes do Zaire e Zambeze; que chegaram às margens dos lagos Alberto, Vitória e Tanganika, muito tempo antes das viagens de Bruzza, Stanley e Levingstone.

Nem só a rainha *Ginga*, que depois de baptizada se chamou D. Ana de Sousa, deve ser lembrada, recordada. Temos que realçar a memória do célebre *Samaraca*, chefe da revolta do Bailundo em 1902, e dos grandes sobas do Cuanhama, já dos nossos dias, os famigerados *Nande* e *Mandumbe*.

Nessa procura de livros sôbre as nossas colónias, chegou-nos às mãos um, editado em 1830, da autoria de Manuel Acurcio das Neves, que nas côrtes gerais da Nação leu o auto de aclamação de D. Miguel I, rei de Portugal; rei intruso, segundo os constitucionais, mas legítimo quanto aos absolutistas. Admirou-nos a leitura pelas verdades amargas como punhos que expande, e que escrito em pleno regime absoluto, o absolve de muitas coisas más que lhe atribuem. E' uma crítica aos vários govêrnos coloniais, em que os *senhores* reis também são atingidos.

Trata dos vários problemas que interessam ao progresso e desenvolvimento da Metrópole e de todo o ultramar português. Mas o mais interessante é que, tirando alguns assuntos que o progresso e as necessidades da vida moderna, proveniente de comunicações rápidas, Bancos, etc., criaram, os problemas são os mesmos.

«Ainda não tratei (e é matéria bem conexa a esta) do meio mais eficaz, e quási infalível para fazer prosperar tanto a Metrópole como as colónias; e com êle vou concluir o meu esbôço. Ele é tão importante, que não deve ficar esquecido: vale mais do que quanto tenho escrito; é, porém, tal a sua evidência, que bastará enunciá-lo.

Consiste em duas coisas: 1.ª escolher os homens para os emprêgos, e não os emprêgos para os homens. 2.ª reservar e proporcionar os prémios ao merecimento, e os castigos à prevaricação.»

Como Manuel Acúrcio das Neves viu bem o problema colonial!...

ANTONIO AUGUSTO DIAS

O artista Saúl de Almeida pintando os panneaux de estilo oriental com que vai decorar o pavilhão de Macau, que ficará instalado no bosque do Palácio de Cristal

Hotéis, Pensões e Restaurantes

O ULTRAMAR inicia no número de hoje, a publicação dos melhores Hotéis, Pensões e Restaurantes do Pôrto e do País, indicados, pelas suas instalações, tratamento e modicidade de preços, a todos os visitantes da Exposição Colonial.

Aluguer de alojamentos

A direcção da Exposição convida tôdas as pessoas que desejem alugar quartos durante o período do certame a comunicá-lo aos seus escritórios, indicando o número de quartos, situação, preços de diária e mensal.

No Palácio de Cristal — Frizo decorativo no antigo local onde estacionavam os eléctricos

Reprodução do modêlo da Casa de Circunscrição usada nas colónias. Tem residência e postos de socorros, meteorológico, correios e telégrafos. Ocupa no certame o local em frente à representação da Companhia de Moçambique